

Coisas do Mercado

Os ministros Dilson Funaro e João Sayad chegaram ontem no final da tarde ao Palácio do Planalto acreditando que dariam uma entrevista coletiva à imprensa sobre as medidas que o presidente anunciaria horas depois. Na verdade assistiram a quase uma manifestação, encenada pelos próprios jornalistas, inconformados com os problemas que o pacote anticonsumo provocaria na vida da classe média.

Uma jornalista mais exaltada fez um discurso antipoupança com palavras de ordem ainda não lançadas por nenhum movimento que se conheça:

— Quero meu direito de ser perdulária. Não quero poupar. Não gosto de poupar.

Funaro explicava, didaticamente, que o consumo brasileiro havia aumentado em todas as áreas. E deu um exemplo:

— O consumo de cerveja este ano está 55% maior do que no ano passado e ainda tem gente que está ficando sem cerveja.

Os protestos continuaram em nome dos direitos lesados da classe média. Funaro resolveu assumir o papel de entrevistador e quis saber em que isto afetará a classe média. E o que se passava na apertada sala de **briefing** do Palácio do Planalto ficava cada vez menos parecido com uma entrevista.

Um jornalista abandonou a sala soltando imprecisões diante de um estupefacto Henry Phillipe Reischstull, secretário geral da Seplan, que à porta da sala explicava detalhes do projeto para um renomado repórter barrado na entrada por um funcionário que se limitava a dizer:

— É preciso estar inscrito. Eu não sei onde, mas é preciso estar inscrito.

Encerrada a entrevista, ainda assim os protestos continuaram. Funaro, na saída, foi abordado por um repórter que garantiu: — Eu não vou votar no senhor.

E Funaro, parafraseando Chico Buarque, respondeu: — Mas o seu filho vai.

Pai da criança

Presidência e Fazenda disputam a paternidade do veto ao empréstimo compulsório da energia elétrica. Na Fazenda há quem garanta ter visto o ministro afirmar que o empréstimo na energia ia arrecadar uma quantia irrisória: entre um e meio e dois bilhões de cruzados, e que afetaria quem tivesse menor poder aquisitivo. No palácio do Planalto há quem jure que viu o presidente de próprio punho riscar esta medida da minuta enviada pela área econômica.

Mudanças

Rumores de que estão sendo preparadas mudanças no Banco Central. Será criada uma diretoria do BNH a ser assumida por Lício de Faria. Em outro ato, seria extinta a diretoria de Crédito Rural e Industrial — que em outras épocas esteve para ser extinta e não foi por motivos políticos, e seu atual diretor Hélio Ribeiro assumiria a diretoria de Administração. As funções de fomento da diretoria de crédito rural passariam para o Banco do Brasil.

Silêncio

O chanceler Abreu Sodré tem tentado falar pelo telefone com o Presidente José Sarney desde domingo. Em vão.

Rugas

A explicação dada por fontes da área econômica do governo para os rumores de rugas entre a Fazenda e o Planejamento é que a imprensa estaria fazendo “multiplicação dos pães” ou dos fatos. Na verdade, segundo admitem estes assessores, ocorrem divergências. Brigas não.

Na preparação do **livro branco** do déficit, por exemplo, funcionários dos dois ministérios esgrimaram tecnicamente para calcular o crescimento do Produto Interno Bruto. É que a variação de um ponto percentual no PIB representava um aumento de 0,5% na relação déficit público/PIB.

Na hora de calcular a receita, por várias vezes as contas não bateram.

O Ministro Funaro a certa altura da preparação do pacote bateu o pé: Não aceitava que os recursos do Fundo fossem usados no custeio. Todo o dinheiro deveria ser reservado para investimentos.